



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

21 e 22 de abril de 2018

Notícias do Dia
Capa e Especial
"Memória e futuro"

Memória e futuro / A história em fase de construção / Imigrantes / Açorianos / Congresso / Açores / Santa Catarina / Florianópolis / 270 Anos da Presença Açoriana em Santa Catarina – Mar, História, Patrimônio, Literatura e Identidade / ACI / Associação Catarinense de Imprensa / Câmara Municipal de Ponta Delgada / Veleiro / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Portugal / Air Center / Atlantic International Research Center / Brasil / África do Sul / Curso de Engenharia Mecânica / Fapesc / Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de SC / José Manuel Bolieiro / Bairro de Santo Antônio de Lisboa / Vasco Cordeiro / Eduardo Pinho Moreira / Gean Loureiro / Fiesc / Federação das Indústrias do Estado de SC / Virgílio Várzea / Festa do Divino Espírito Santo / IHGSC / Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina / Cidade Pedra Branca / Palhoça / Imigração / Desterro / Irmanação / Sérgio Luiz Ferreira / Casa dos Açores em Santa Catarina / Nereu do Vale Pereira / Comissão Catarinense de Folclore / Lélia Pereira Nunes / João José Porteiro / Universidade dos Açores / NEA / Núcleo de Estudos Açorianos / Fundação Catarinense de Cultura / Cletison Alves / Juçara Nair Volff / Arquivo Público do Estado de SC



Congresso
sobre presença
açoriana fala
de história, mas
também projeta
parcerias e
negócios

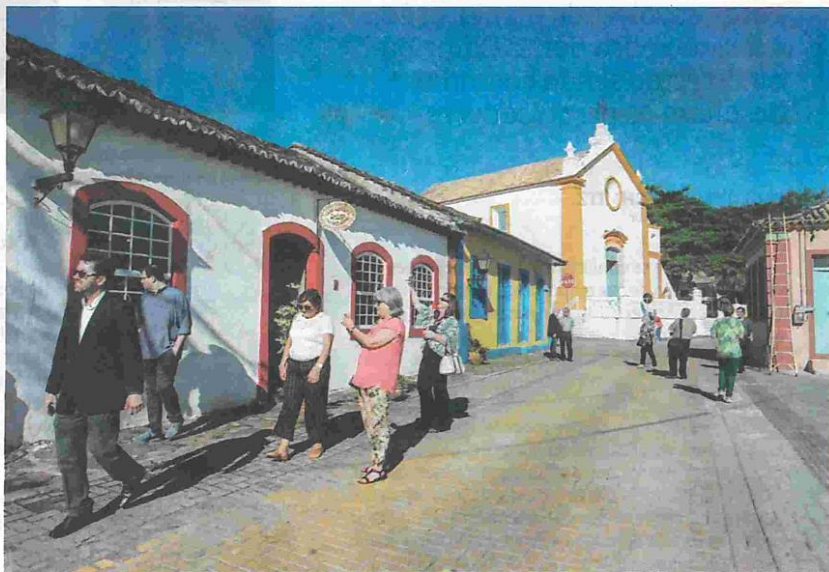
PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br

Há 70 anos, em 1948, um congresso que teve as relações entre Açores e Santa Catarina como tema mudou a forma de os dois lugares enxergarem a si próprios. Foi o start para um intercâmbio que recuperava, do ponto de vista das ilhas do arquipélago português, um vínculo que 200 anos e dez gerações haviam esmaecido, e para Florianópolis, sede do evento, reconhecia o elemento açoriano em sua verdadeira importância, elevando a própria autoestima dos "manezinhos" cuja gênese eram as famílias que chegaram em meados do século 18. Esta semana, um encontro em moldes semelhantes deu um passo adiante: o tempo é de globalização, de trocas, de fronteiras difusas em vista das tecnologias, e as interrelações miram aspectos da economia, das comunicações, do turismo e do mar – este como "lavoura do futuro", e não mais como sinônimo de uma assustadora travessia.

Antes mesmo de começar oficialmente, o Congresso Internacional dos 270 Anos da Presença Açoriana em Santa Catarina – Mar, História, Patrimônio, Literatura e Identidade rendeu a assinatura de um protocolo de cooperação entre a ACI (Associação Catarinense de Imprensa) e a Câmara Municipal de Ponta Delgada, cidade que sedia o governo regional dos Açores. Intercâmbios de conhecimento, realização de eventos e projetos conjuntos estão entre os objetivos do documento, mas uma ideia ganhou força na quinta-feira (19), quando jornalistas catarinenses e açorianos sentaram na mesa dos conferencistas para falar da realidade da comunicação lá e cá: a criação de um jornal on-line que ajude a aproximar as chamadas "dez ilhas do arquipélago", ou seja, os Açores e a ilha de Santa Catarina.

Na área da tecnologia, e com viés econômico relevante, o veleiro destinado às pesquisas do mar que a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) construiu em 2017 vai alcançar os Açores porque Portugal é um dos signatários do Air Center (Atlantic International Research Center), junto com Brasil e África do Sul. Trata-se de uma rede que usará o chamado "ecobarco" como laboratório embarcado para desenvolver pesquisas científicas e tecnológicas nos oceanos. O curso de engenharia mecânica da UFSC e a Fapesc (Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado) fazem parte do programa. No auditório do TCE/SC (Tribunal de Contas do Estado), onde ocorreu o congresso, o presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, colocou a cidade à disposição para receber e dar apoio logístico às pesquisas do veleiro em mares açorianos. ●

Memória e futuro



Comitiva de Ponta Delgada, na Ilha dos Açores, visitou o histórico bairro de Santo Antônio de Lisboa

Do Divino aos protocolos

■ O Congresso Internacional dos 270 Anos da Presença Açoriana em Santa Catarina teve cunho científico e acadêmico, mas não impediu que membros da comitiva que veio de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, e de outras cidades do arquipélago tivessem encontros institucionais e protocolares que respaldassem politicamente as propostas em jogo. O presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro, foi recebido pelo governador Eduardo Pinho Moreira (PMDB) e o prefeito Gean Loureiro (PMDB) fez parte, assim como Moreira, da sessão solene de abertura do evento. Ele também visitou a Fiesc (Federação das Indústrias do Estado), acompanhado de deputados regionais.

Demonstrando conhecimento sobre a "décima ilha", Cordeiro citou relatos de Virgílio Várzea, escritor que deixou testemunhos da vida na ilha de Santa Catarina nas primeiras décadas do século passado, e

disse que ao ler um texto do autor ilhéu sobre a festa do Divino Espírito Santo parecia estar vendo o ritual exatamente como ocorre em uma das vilas dos Açores.

Dentre os resultados do evento há também o termo de cooperação cultural assinado entre o IHGSC (Instituto Histórico de Geográfico de Santa Catarina) e a Câmara de Ponta Delgada que permite o intercâmbio do patrimônio toponímico e outras ações envolvendo as duas instituições. Cidades irmãs desde 2003, Florianópolis e Ponta Delgada situam-se em ilhas com algumas semelhanças físicas e reúnem instituições culturais e universitárias de tradição na pesquisa e no resgate histórico. Uma das visitas dos açorianos nesta semana foi à Cidade Pedra Branca, em Palhoça, pelo interesse em difundir no arquipélago – mesmo em cidades de pequeno porte – o conceito de espaços urbanos de qualidade.

Leia mais na
PÁGINA 4

“
A construção do além-mar português se deve muito aos açorianos desde o século 16. Já no século seguinte eles começaram a vir para o Brasil, num processo que se consolidou depois com as migrações para o Sul do país.”

Vasco Cordeiro,
presidente do governo
regional dos Açores

A história em fase de construção

Fatos envolvendo a imigração açoriana para Santa Catarina ainda estão sendo contados e desafiam os pesquisadores

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br

Por mais que se esmiúcem fatos, datas e nomes, persiste a impressão de que a história da ligação entre o arquipélago dos Açores e o litoral catarinense ainda guarda segredos longe de ser relevados. O Congresso Internacional dos 270 Anos de Presença Açoriana em Santa Catarina – Mar, História, Patrimônio, Literatura e Identidade, realizado esta semana em Florianópolis, permitiu a troca de informações, produziu relatos curiosos, rendeu testemunhos apaixonados, histórias humanas e engraçadas, mas deixou no ar dúvidas que o tempo, quanto mais avança, mais torna insolúveis. Um exemplo disso são os nomes dos alistados na origem e dos que desembarcaram a partir de janeiro de 1748 na então Desterro, dando início a uma irmanação cujos desdobramentos se dão até hoje – e que, a julgar pelo clima do evento, tendem a se aprofundar.

O professor Sérgio Luiz Ferreira, presidente da Casa dos Açores em Santa Catarina, diz que há muito a ser explorado, até porque a distância temporal e a despreocupação dos antepassados dos “manezinhos” com os registros e documentos apagaram muitas pegadas dos colonizadores. No encontro, ele fez uma palestra na qual mostrou que as famílias antigas não prezavam a fidelidade nem aos próprios sobrenomes – alguém podia sair dos Açores chamando-se Alvim, por exemplo, e gerar prole que responderia, duas ou três gerações depois, pelo sobrenome de Lisboa. “Isso acontecia especialmente com os mais pobres, que se diziam sem origem, beirando uma espécie de ausência de história”, afirma. Tudo isso dificulta a identificação de quem saiu e de quem chegou ao Brasil. Os pesquisadores voltaram suas buscas para os livros de batismo, mas até esses, dependendo da época, desapareceram das paróquias interioranas.

O historiador Nereu do Vale Pereira, o único dos presentes ao evento que acompanhou o congresso de 1948 (que comemorou o bicentenário da imigração), conta que até então os açorianos, presentes na faixa litorânea, eram vistos como a causa da pobreza do Estado. Falava-se do “praiano indolente” num tempo em que Florianópolis tinha vergonha de sua pequenez e da baixa densidade populacional. O encontro de 70 anos atrás, que não contou com a presença de nenhum representante do arquipélago, revalorizou a contribuição açoriana ao desenvolvimento catarinense. “Esses imigrantes organizaram nosso Estado”, ressalta Vale Pereira. Foi durante o congresso que nasceu a Comissão Catarinense de Folclore e se fortaleceu a ideia da criação de uma grande universidade em Santa Catarina. ●



Sérgio Ferreira destacou o descaso das famílias antigas com os próprios sobrenomes



A cultura açoriana está presente nas festas religiosas, na alimentação e na própria cosmovisão, passando pela mitologia ou pelos traços dos primeiros núcleos de povoamento.”

Lélia Pereira Nunes, escritora, pesquisadora e uma das organizadoras do congresso



Mapeamento ressaltou papel dos imigrantes

■ No congresso realizado entre quarta e sexta-feira falou-se tanto do horror das viagens entre os Açores e Santa Catarina, que duravam meses e resultavam em centenas de mortes por doenças e inanição, até as contribuições dos açorianos à cultura, à literatura e ao progresso material – daqui e de todos os lugares alcançados pela diáspora, como o Havaí, as Bermudas, os Estados Unidos e o Canadá. Acossados pelas intempéries, pelos terremotos e vulcões, além da superpopulação no século 18, muitos ilhéus arriscavam-se em deslocamentos marítimos de pouca segurança atrás de vida melhor. Hoje, a economia regional vai bem e os Açores estão entre os mais qualificados destinos turísticos do planeta, e nem sua localização em meio ao Atlântico tem deixado de atrair visitantes em número cada vez maior. O professor João José Porteiro, da Universidade dos Açores, conchama os brasileiros a conhecerem as ilhas, seu clima ameno, “suas lagoas e imagens verdejantes”.

Um mapeamento realizado pelo NEA/UFSC (Núcleo de Estudos

Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina) e Fundação Catarinense de Cultura na década de 1990 é visto como fundamental no processo de difusão do papel dos imigrantes na construção da identidade catarinense. O trabalho envolveu escolas e professores de 32 municípios e produziu efeitos perenes na noção do que é a “cultura de base açoriana”, resuscitando manifestações que vinham se perdendo, sobretudo na faixa litorânea. “Ainda estamos colhendo frutos desse projeto”, diz Joi Cletison Alves, do NEA.

Em sua intervenção, a bibliotecária Juçara Nair Volff, do Arquivo Público do Estado, denunciou o roubo de documentos como um dos problemas enfrentados pela instituição. Além disso, há um processo de desestruturação e a falta de pessoal, que ameçam o trabalho do arquivo. O documento mais antigo ali guardado é uma carta régia imperial que data do ano de 1703.



Joi Cletison Alves, do NEA/UFSC

**Diário Catarinense e A Notícia
Contracapa e Caderno Nós**
"O ócio criativo / Sabáticos"

O ócio criativo / Sabáticos / Reoxigenar / Ano sabático / Domenico De Mais / Fabiele Nunes / Curso de Psicologia / UFSC / Startup / Pausa / Descanso / Coaching / Planejamento / Eduardo Lannes / Heloisa Andrade



SÁBADO E DOMINGO, 21 E 22 DE ABRIL DE 2018 | #130



NÓS

O ÓCIO CRIATIVO

NA LINHA DO que apregoa o filósofo italiano Domenico De Masi, que afirma que o ser humano precisa de um tempo para ele mesmo, conheça a história de pessoas que se programaram para tirar um ano sabático, como a psicóloga Fabiele Nunes

PÁGINAS 6 a 8

SABÁTICOS

Como se preparar para largar o trabalho e tirar um tempo para viajar, estudar ou fazer qualquer coisa que não seja uma obrigação

EMERSON GASPERIN
emerson.gasperin@somosnsc.com.br

Aflorianopolitana Fabiele Nunes não podia se queixar de Dubai, onde trabalhava desde 2008. Aos 36 anos, a psicóloga formada na UFSC era diretora de RH de uma multinacional suíça de tecnologia de informação especializada em serviços para a indústria da aviação. Do 10o andar de uma das torres que rasgam a paisagem da cidade, ela comandava as operações do departamento em 59 países asiáticos, incluindo Oriente Médio e Índia. Em 2014, o visto bienal que a permitia atuar no emirado árabe venceu novamente. Ganhava, morava e gastava bem – com perspectivas de crescer –, mas resolveu pedir demissão e, como preconiza o filósofo italiano Domenico de Masi, parar de diferenciar tempo livre de trabalho: tirou um ano sabático. Sua vida nunca mais foi a mesma.

– Comecei a alimentar a ideia de dar a volta ao mundo – conta Fabiele, hoje à frente de uma startup na capital catarinense.

Afastar-se das atividades profissionais por um período para se dedicar a algum projeto pessoal – mesmo que esse projeto seja apenas relaxar – faz parte dos sonhos de muita gente. Poucas têm condições financeiras e “sitacionais” de realizá-lo. Fabiele, execu-



tiva de uma grande empresa, solteira e sem filhos, tinha. Superou o “pesar de deixar para trás a casa, a carreira e os amigos” e se pôs a planejar. Os preparativos levaram quatro meses. Um alemão e uma egípcia, colegas de Dubai, a acompanhariam. A primeira providência foi estipular uma rota. Ela queria conhecer a Oceania; eles, a América Latina. Fecharam em 12 escalas.

Para calcular de quanto precisariam, dividiram os destinos em três grupos, de acordo com o custo. Os caros, como Japão, Havai, Austrália e Ilhas Fiji, consumiriam US\$ 200 diários, sendo US\$ 100 para estada e US\$

100 para as demais despesas. Na Tailândia, em Cuba ou no Peru, metade disso bastava. Brasil e Chile figuravam entre os intermediários. Regularizaram vistos, tomaram as vacinas exigidas, encerraram contratos e partiram. No início, Fabiele confessa que ficou “meio perdida, achando que estava de férias”. A ficha não demorou a cair:

– Não é turismo, é a sua vida por aquele período! A grande questão é: “O que eu vou fazer quando não sou obrigada a fazer nada?”.

O maior legado, contudo, foi aprender a conviver com o desapego. Antes de embarcar, ela penou para escolher o que levar na mala sem ultrapassar os 23 quilos permitidos por voo. Pois não só foi o suficiente como uma das poucas coisas que comprou durante a jornada foi um casaco mais pesado na Nova Zelândia por causa do frio danado que encarou lá. Até por uma razão econômica: não dava para trazer lembrancinha de tudo quanto é lugar, para não pagar excesso de bagagem. Seis meses depois, a trip terminou para Fabiele – mas não o ano sabático.

O semestre seguinte passou em Florianópolis, na casa da mãe, para matar a saudade e “pensar no que iria fazer”. O problema era que os amigos locais não tinham o tempo sobrando como ela. Então, Fabiele começou a inventar no que se ocupar. Entrou na yoga, pas-

sou a praticar standup paddle. Achava que não seria viável voltar a morar na cidade que, quando saiu – em 2002, para um mestrado na Alemanha, e em definitivo em 2005, para ingressar na unidade carioca da gigante europeia pela qual acabaria transferida para Dubai –, “ou você fazia concurso público ou trabalhava com turismo”. Em 2016, ou se arriscava na área de tecnologia também.

Ela virou frequentadora da associação catarinense das empresas do setor (Acate). Sem nada muito concreto em vista, de olho nas possibilidades. Foi lá que conheceu o futuro sócio. A oportunidade de se aprimorar em um programa de aceleração da Google a levou para uma temporada de 10 meses em San Francisco, nos Estados Unidos. Permaneceu mais dois meses no Vale do Silício e fez um curso em Stanford. Sua startup desenvolve games como ferramentas de inovação para empresas, com simulação de ideias e captação de investimentos. De disrupção – palavra-chave da nova economia fomentada pela internet, descrita como “interrupção do curso normal de um processo” –, a executiva que trocou literalmente um emprego das arábias pelas incertezas do próprio negócio entende.



**NÃO É TURISMO,
É A SUA VIDA POR
AQUELE PERÍODO**

FABIELE NUNES
Psicóloga



O conceito de dar uma pausa no batente por um período para refletir, aprender algo ou simplesmente cultivar o ócio tem origem nas universidades americanas no século 19, que concediam licenças aos professores para reciclagem e aperfeiçoamento. A origem do termo vem do sabá judaico, o dia de descanso, correspondente ao sábado. O Torá, livro sagrado dos judeus, estabelece que, a cada seis anos de cultivo da terra, o sétimo será sabático, isto é, dedicado à recuperação do solo. No mundo corporativo, a liberação de um funcionário para outra finalidade que não fosse gerar lucro ao patrão ocorreu a partir da década de 1950.

Segundo levantamento feito pela empresa de recrutamento Robert Half, 73% das companhias no mercado brasileiro não oferecem períodos sabáticos (ainda que não remunerados) aos empregados, embora 86% dos 900 gestores consultados admitirem que gostariam de ter um tempo desses. A amostragem, de 2012, serve para atestar como a prática é rara no país. A multinacional suíça onde Fabiele trabalhava também não tinha essa política, mas deixou as portas abertas para que retomasse suas funções. Apesar de não ter topado, ela considera importante que os empregadores pensem mais no tema, nem que seja como incentivo:

– A empresa não pode impedir que o profissional vá. Mas pode garantir que ele volte.

O anseio de parar para reavaliar a vida e a carreira depende do contexto e dos valores individuais. Além disso, estresse, frustração ou saúde influenciam, diagnostica uma das pioneiras em coaching (conjunto de competências e habilidades desenvolvidas para alcançar um objetivo pessoal ou profissional) no país, Richeli Sachetti, há 13 anos no ramo. Baseada em Tubarão, ela atende clientes em todo o Brasil. Seja qual for a motivação para cogitar com mais carinho essa história de “ano sabático”, planejamento é funda-

mental, orienta a especialista.

– Não é fácil. Para não ter que planejar, muitas pessoas vão adiando. Conversar com alguém que fez, saber os detalhes, ajuda muito – diz.

Tomada a decisão, o investimento na empreitada varia conforme o perfil do interessado. Quem não tem tanta “necessidade de segurança”, observa Richeli, requer menos dinheiro. Outros preferem conquistar a independência financeira antes, para não ter que se preocupar durante e depois. O essencial é curti-

o processo, não importa que saia do papel em um, dois ou cinco anos. O prazo, ressalta a coach, contribui para a preparação e já deflagra toda uma mudança de paradigmas.

– É uma sensação de empoderamento, de saber que tem a liberdade. Não precisa ser amanhã, não precisa largar tudo, mas com uma estrutura de organização de ideias, de compreensão dos sentimentos, de autoconhecimento. Tudo começa a ter mais propósitos.



Nas férias, o gerente de conta Eduardo Lannes sempre viajava para algum lugar diferente. Mas queria ir para mais lugares por mais tempo, conhecer culturas, ganhar experiências. Em 2012, prestes a entrar para o time dos trintões, dos quais oito trabalhando em uma agência bancária no Rio de Janeiro, bateu o dilema: ou se aventurava de uma vez ou ficaria para sempre imaginando como seria se tivesse reservado um período sabático para si “quando ainda era jovem”. Optou pela primeira alternativa. Os preparativos levaram um ano – e envolveram a namorada, com quem se casaria e viria morar em Florianópolis, terra dela.

– Para economizarmos, ela saiu do apartamento em que morava e foi morar comigo no meu quarto-e-sala. Na reta final, conseguimos poupar quase 50% do que ganhávamos – lembra.

Ele abriu mão do cargo e tirou uma licença não remunerada do emprego. O casal comprou uma passagem da modalidade “volta ao mundo”, oferecida por algumas companhias aéreas a cerca de US\$ 5 mil por pessoa. Eram 16 trechos aéreos, com a condição de partida e chegada serem no mesmo local e o percurso circundar o globo terrestre no mesmo sentido (para completar o giro pelo planeta), com possibilidade de alterar datas sem taxas extras. Por 11 meses, percorreram quatro continentes (Oceania não entrou porque exigiria um desvio no roteiro). Gastaram, diz Lannes, o equivalente ao preço de um veículo.

– Se você quiser passar no luxo, é uma caminhonete importada. Se for passar apertado, é um carro popular. Nosso caso se enquadrava no meio termo: não estávamos rasgando dinheiro, mas queríamos conhecer o maior número possível de atrações.

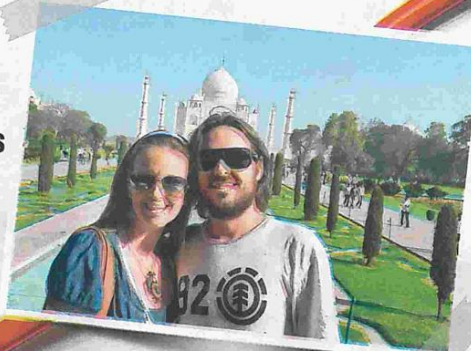
No regresso ao Brasil, a insatisfação que o inquietava deu lugar a uma “sensação de missão cumprida”. Como tinha participação em um hostel

SEGUIR



QUERÍAMOS CONHECER
O MAIOR NÚMERO
POSSÍVEL DE ATRAÇÕES

EDUARDO LANNES
Empresário





**TENHO MENOS DINHEIRO,
MAS MENOS ESTRESSE,
MAIS TEMPO LIVRE E MAIS
FELICIDADE**

HELOISA ANDRADE
Publicitária

no bairro carioca da Lapa, o ex-gerente não retornou ao banco – está licenciado até hoje – e começou a investir nisso. Entre 2013 e 2016, chegou a administrar oito albergues na capital fluminense em sociedade com amigos. Até se mudar para a Ilha, onde atualmente mora no Canto da Lagoa com a mulher, presta serviços de consultoria financeira e se sustenta com a renda de um dos hostels que manteve no Rio.

O que Lannes e Fabiele fizeram, cada um a seu modo, com causas e consequências diferentes, é chamado pela psicóloga que se tornou empreendedora de “aposentadoria não linear”. Ela pretendia deslanchar na carreira para, ai sim, com a vida encaminhada, desfrutar. Agora, acredita em trabalhar, ganhar dinheiro, aproveitá-lo para dar vazão a planos que em circunstâncias convencionais seriam considerados impossíveis e depois inventar outra coisa. Como se fosse o fechamento de um ciclo. Mas não o último.

– Se penso em fazer de novo? Claro!
– confirma Fabiele.



EXPERIÊNCIA VIRA LIVRO

A publicitária Heloisa Andrade gostava muito da profissão ao ponto de trabalhar em média 10 horas por dia na agência da qual era sócia. Um problema de saúde na família a fez diminuir o ritmo e questionar até quando iria continuar levando aquele tipo de vida. Era o momento de reavaliar se tudo aquilo ainda fazia sentido para ela. A conclusão foi de que precisava mudar. O resultado é contado no livro *Sabático 45 – Crônicas, Histórias e Dicas sobre um Período Transformador*, inspirado no ano em que foi morar em Dublin, na Irlanda, para estudar inglês.

– Sair da zona de conforto e abandonar uma vida considerada “confortável e segura” foi um grande desafio – diz.

Tanto quanto superar a ansiedade e aprender a desacelerar para se adaptar à rotina em um país com cultura, clima e idioma diferentes. Em um dos capítulos da obra, a autora compara o ano sabático ao fato de se jogar no buraco desconhecido do clássico *Alice no País das Maravilhas*: nada neste novo mundo tem o mesmo valor que tinha no mundo anterior, outros saberes não surgiram. No caso de Heloisa, entre outras descobertas, a de que é possível viver apenas com o peso de duas malas, “o restante geralmente é excesso”.

Da decisão ao embarque, foram três anos. Planejamento e uma boa reserva financeira eram imprescindíveis para ela. De cara, cortou gastos conside-

rados supérfluos, como restaurantes e roupas. No segundo ano, vendeu o carro e guardou o dinheiro. Também definiu o local e o tempo do sabático com bastante antecedência. Nos últimos seis meses, organizou a parte burocrática, colocou seu apartamento para alugar e contou os seus planos a amigos e familiares. Quando entrou no avião, já estava com as despesas (passagens, curso, seguro, hospedagem) pagas.

– O sabático não pode ser uma fuga, nem férias e muito menos um período de especialização profissional na sua área de atuação. É um tempo para pensar e refletir sobre os próximos anos da sua carreira, mas saindo inteiramente do contexto. Tempo de adquirir cultura e autoconhecimento – acredita.

Na volta, com o livro escrito, outro desafio a aguardava: entender como equilibrar vida profissional e pessoal com o aprendizado obtido no período. Desfez a sociedade – que havia deixado em aberto para resolver ao retornar – e modificou o jeito de encarar o trabalho e o dia a dia. Aos 48 anos, hoje atua como consultora de marketing sem sair de seu home office. Mudou-se para um apartamento menor e pratica o consumo consciente, na base do “menos é mais”.

– Tenho menos dinheiro, mas menos estresse, mais tempo livre e mais felicidade.

NESTA EDIÇÃO:

DAGMARA SPAUTZ
Repórter
dagmara.spautz@somosnsc.com.br

EMERSON GASPERIN
Repórter
emerson.gasperin@somosnsc.com.br

JEFERSON CIOATTO
Editor
jefferson.cioatto@somosnsc.com.br

ALINE DA SILVA
Design
aline.costa@somosnsc.com.br

FELIPE CARNEIRO
Fotografias
felipe.carneiro@somosnsc.com.br

RICARDO WOLFFENBÜTTEL
Editor de fotografia
ricardo.wolff@somosnsc.com.br



**CONFIRA NOSSA
VERSÃO DIGITAL**
diariocatarinense.com.br/nos

Diário Catarinense e A Notícia
Conexão Econômica
"Maior da América do Sul"

Maior da América do Sul / Perini Business Park / Joinville / Marcelo Hack /
Federação das Indústrias de SC / Fiesc / Inovação / UFSC / Tech Park

MAIOR DA AMÉRICA DO SUL

O Perini Business Park, de Joinville, é o maior condomínio empresarial multissetorial da América do Sul, segundo a consultoria KPMG. A informação foi revelada pelo presidente do empreendimento, Marcelo Hack, na reunião da Federação das Indústrias de SC (Fiesc) de sexta-feira. O complexo reúne 160 empresas de 12 nacionalidades em mais de 300 mil metros quadrados. O faturamento anual supera R\$ 4 bilhões, o que significa 21% do PIB de Joinville e 2% do PIB do Estado. O empreendimento é do empresário e cientista italiano Fábio Perini, que mora na Itália, prefere vida simples e distância de holofotes.

ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO

Duas novidades animam ainda mais a cúpula do Perini e Joinville: a instalação do campus da UFSC no condomínio e a construção do Ágora Tech Park, projeto de R\$ 120 milhões que vai abrigar incubadora e empresas de tecnologia e inovação. Isso motiva não só a UFSC, mas as outras universidades da cidade.

Segundo Hack, Joinville tem um super ecossistema de inovação, só que está disperso. O Ágora vai unir, levando para a região institutos do Senai, a Totvs e a Univille. O distrito de inovação do governo do Estado também será na região.

Diário Catarinense e A Notícia Artigo

“Os recursos das florestas”

Os recursos das florestas / Gilmar Michelon Dalla Maria / Santa Catarina /
Pinus / Clima / Solo / Produtividade / Epagri / Embrapa / UFSC

ARTIGO

OS RECURSOS DAS FLORESTAS



GILMAR
MICHELON
DALLA MARIA
Engenheiro Agrônomo

Santa Catarina é o segundo Estado em área plantada de pinus, com 652 mil hectares (estimativa da Epagri). Em que pese o conceito negativo de alguns setores com essa cultura, não há nenhum trabalho científico que demonstre algum dano aos regimes de águas das bacias. A capacidade de produção dessa planta, em regiões de clima frio, solos ácidos e de baixíssima fertilidade, como é o planalto catarinense, é fantástica.

A produtividade dessa cultura em Santa Catarina é excepcional, o que demonstra a afinidade dela com as características de clima e solo da região mais fria do Estado. Aqui, as florestas produzem de 35 a 40 metros cúbicos por hectare ao ano, a maior produtividade do mundo, contra 27 da China, segunda colocada, e quase o triplo dos EUA, berço dessa cultura. Materiais genéticos que estão sendo disponibilizados no mercado já projetam produtividades superiores a 60 metros cúbicos.

A renda líquida por hectare ao ano de uma floresta de pinus é normalmente o dobro ao rendimento da maioria das lavou-

ras de grãos, podendo chegar a até cinco vezes, quando bem conduzida e com uma produção maior de madeiras grossas, mais valorizadas. Nesse aspecto está baseado todo o esforço da Epagri em conscientizar e capacitar os produtores do Estado para o uso de um material genético de qualidade e para um bom manejo em suas florestas.

Projetos de pesquisas estão sendo conduzidos numa parceria entre Epagri, Embrapa e UFSC, buscando alternativas ao pinus, já com resultados bastante promissores com progênies de araucária e outros.

Vamos ao título do artigo. Dos 652 mil hectares plantados, quase 500 mil têm 10 anos ou mais de idade e estarão prontos para colheita durante os próximos seis a oito anos. Isso significa a injeção de R\$ 25 bilhões a R\$ 30 bilhões na economia catarinense, recursos expressivos e importantes para o desenvolvimento das regiões produtoras. Para alguns municípios (pobres, mas com áreas expressivas de plantios), essa pode ser a única possibilidade de um futuro melhor.

Os estudos de mercado indicam um cenário promissor para o setor, principalmente para as florestas que serão plantadas nos próximos anos. Investimentos bastante expressivos previstos pelo setor industrial madeireiro garantirão um consumo crescente dessa matéria prima, além de mercado e renda para os reflorestadores.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

21/04/2018

[Monumento em homenagem a Getúlio Vargas fará 60 anos](#)

[Sonhos, planos e lições de quem largou o emprego para tirar um ano sabático](#)

[Congresso sobre presença açoriana em SC fala de história e projeta parcerias e negócios](#)

[STF transformou Processo Penal brasileiro em uma novela mexicana](#)
[Projeto](#)

22/04/2018

[Professor e aluno brasileiros criam startups na Nova Zelândia](#)

[Nova edição do 'SC que dá Certo' inicia com painel em Palhoça; inscreva-se](#)